

# RESISTÊNCIA E CORPO TRANS: LINGUAGEM, SENTIDOS, SUBJETIVAÇÃO<sup>1</sup>

*André Cavalcante<sup>2</sup>*

*Orientadora: Vanise Medeiros*

*Doutorando/ Capes*

RESUMO: A partir do suporte teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD), estabelecendo uma relação com os estudos de gênero, sobretudo, o transfeminismo, este trabalho visa apresentar um panorama parcial da minha pesquisa de doutoramento que tematiza os discursos do/sobre o corpo trans e sua relação com a resistência dos sentidos e sujeitos em perfis de militância no Facebook. Ao pensar a resistência, Pêcheux (2009 [1978]) a vincula à falha na interpelação ideológica. Para o autor, as resistências podem ocorrer através do corpo, no qual, também, se inicia a normatização em universos logicamente estabilizados (PÊCHEUX, 2015 [1983]). Sendo assim, objetiva-se, neste trabalho, refletir a relação entre corpo, resistência e estabilização dos sentidos e compreender como o corpo trans, ideologia e subjetivação estão relacionados. O corpo na AD, conforme Leandro-Ferreira (2015) pode ser visto como o lugar material de observação do sujeito, um objeto investigação e, também, como uma ferramenta, categoria teórica, uma vez que a linguagem é constitutiva do sujeito, do corpo e do discurso. Dessa maneira, o corpo trans, atravessado pela linguagem, produz sentidos em uma determinada conjuntura, os quais não correspondem aos sentidos já estabilizados em uma sociedade cisnormativa. Nessa direção, as análises parciais já apontam para uma disputa de sentidos, transfóbicos e de militância; mas também a uma disputa de corpos, de subjetividades,

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem pela UFF. Contato: acbs.cavalcante@gmail.com

---

resistências e silenciamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo trans; Resistência, Sentidos; Discurso.

Em o corpo utópico, Foucault reflete que seu corpo não se deixa submeter com tanta facilidade, há seus recursos próprios e fantásticos. O corpo, portanto, possui lugares sem-lugares e outros lugares mais profundos. É incompreensível, penetrável, opaco, aberto, fechado: utópico, estando ligado a todos os lugares do mundo ou num lugar que é além do mundo. (Foucault [1966] 2016)

Na filosofia, desde a antiguidade, a temática do corpo já era uma questão para diversos filósofos. Refletia-se, sobretudo, a distinção entre corpo e alma. Como aponta Le Breton (2013), para Platão, por exemplo, a alma [psykhé] guiava o corpo. Em Aristóteles, corpo era o *órganon* da alma, instrumento de seu aperfeiçoamento. Nessa seara, Descartes observava que a alma estava fora do corpo. Estes pensadores ocidentais estabeleciam uma cisão entre o corpo e a mente e isto influenciou até hoje o imaginário acerca da corporeidade, como se pode perceber na visão judaico-cristã que põe a alma como superior ao corpo. Sendo este, lugar do martírio, do sofrimento, dos prazeres e do pecado.

Indo de encontro às ideias cartesianas, Spinoza se propõe a não mais pensar nessa sobreposição ente corpo e mente, deixando de questionar o que pode a razão e se questionando o que pode o corpo. (Cf. Mossi, 2015)

Neste trabalho, tomando a questão spinoziana, questiono: o que pode o corpo trans? O corpo daqueles sujeitos que não se identificam com o gênero que lhes foram atribuídos ao nascer. Este corpo que é vigiado pelo Estado, Igreja, pela medicina, pela lei, pela sociedade como um todo, mas também punido pelas violências físicas e simbólicas diárias, pois são corpos que não são dóceis ou ainda pouco domesticados. (FOUCAULT, 2014 [1975])

Ao ser atravessado pela linguagem, este aglomerado de carne torna-se corpo e assim pode (se) significar. E, como propõe Leandro-Ferreira (2015), o corpo é lugar material de observação do sujeito, objeto analítico e categoria teórica. Dessa maneira, é passível de refletido teórico-analiticamente também nas ciências humanas, e, em especial, na Análise do Discurso (AD).

Para pensar, por exemplo, sobre a relação entre corpo e linguagem, Paul B. Preciado (2014), em o Manifesto Contrassexual, diz que

---

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção – reprodução sexual, na qual outros códigos se naturalizam, outros ficam epiléticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetições e de recitações dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26)

Nesta obra, a fim de expor as falhas do sujeito tradicional<sup>3</sup>, Preciado diz que o corpo é construído socialmente como uma escritura. O autor não faz a distinção convencional entre sexo e gênero, e, assim como Butler, ele também acredita que o sexo também é construído, para tanto, cita o caso das pessoas intersexuais como uma forma de modelar o sexo biológico, compulsoriamente, pela tecnologia cirúrgica.

Nas postagens de páginas de militância trans na internet, ao pôr em evidência, as discussões sobre as identidades de gênero, sempre surgem discursos que mostram a possibilidade da construção de um corpo, seu modelamento e os embates ideológicos que estas corporeidades provocam. Observemos a imagem abaixo:



---

<sup>3</sup> Entendo neste trabalho, e, a partir da leitura de Preciado, como sujeito tradicional o modelo hegemônico cisheteronormativo, representados por sujeitos do gênero masculino, cisgêneros e heterossexual. Pensando em um recorte de raça e classe, também poderíamos incluir características como branco e de classe média.

---

Imagem 1<sup>4</sup>. (Sequência Imagético-discursiva)

Nessa pesquisa, o *corpus* é composto de postagens em perfis de militância LGBT<sup>5</sup>, sobretudo, trans, das quais trago algumas materialidades para exemplificar o funcionamento do discurso do/sobre o corpo trans. Das materialidades que analisamos, quando há postagens acerca de pessoas transmasculinas, ocorrem algumas regularidades nas imagens. Esses posts são, sobretudo, acerca do processo de terapia hormonal, havendo uma montagem de duas fotos, onde os transhomens mostram seus corpos, suas formas, e, algumas vezes, marcas de intervenções cirúrgicas. No exemplo acima, a primeira foto marca o período anterior ao processo terapia hormonal e a outra quando de algum tempo de hormonioterapia. Essa disposição de imagens entre o que seria o pré-testosterona e o pós-testosterona, produz um efeito de um processo linear, evidente, reforçam um imaginário de transgeneridade que perpassa as alterações corpóreas. Dessa forma, esses sujeitos se aproximariam ou adquiram traços e características do gênero o qual se identificam, como algo também ideal, da ordem das evidências. No entanto, parte das vezes, esse processo de hormonização, o qual minimizaria ou apagaria os signos daquele gênero imposto socialmente ao nascer, é uma demanda do outro que, muitas vezes, só legitima como sujeitos trans, aqueles que fizeram a redesignação sexual e estão se hormonizando. Assim funciona a ideologia sobre os corpos, afirmando que apenas certas características corpóreas pertencem a tipos específicos de gêneros, reforçando, assim, o binarismo.

Observamos que esses tipos de imagens se constroem a partir de regularidades: Legenda, imagem e texto verbal inscrito na parte inferior da imagem. Os comentários, portanto, devem se referir a alguma dessas especificidades, seja a parte verbal ou a não verbal. No entanto, estas, na textualização, estão imbricadas. Na Sequência discursivo-imagética (SDI 1) acima, por exemplo, há essas regularidades (e contradições) as quais iremos analisar.

A posição das fotografias na montagem, trazendo imagens que se referem a um sujeito em dois estágios diferentes, antes da hormonioterapia e durante, produz um efeito de sentido de “adequação” à binariedade. Contraditoriamente, a parte escrita da SDI aponta para

---

<sup>4</sup> Imagens 3 e 4 podem ser encontradas no link <https://www.facebook.com/CartazesLgbt/photos/pb.228900067209830.2207520000.1449012699./757479601018538/?type=3&theater> (acesso em 06/02/2018)

<sup>5</sup> Sigla que engloba sujeitos Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis, transgêneros, intersexuais e outras identidades de gênero e sexualidades dissidentes do modelo cisheteronormativo.

---

outros sentidos. Quais sejam: ser homem independe do uso ou não da testosterona. Ademais, como os enunciados, para um leitor imaginário homens trans, “nem a aparência nem as roupas que fazem de você quem você é”, ratificam essa outra possibilidade de que independente da terapia hormonal, das roupas utilizadas e da aparência, homens trans são homens. Essa possibilidade de sentido só é produzida quando observamos o post como uma materialidade só, sem separar as modalidades de linguagem presentes nele. Dessa maneira, observa-se que não verbal e não-verbal estão imbricados e não há como fazer uma leitura que separe essas duas modalidades.

Mesmo que com brechas que demonstram a incompletude da imagem, quando à remetemos ao interdiscurso, o lugar do já-dito, observa-se as filiações de sentidos da sequência imagético-discursiva analisada. Assim, um possível momento pré-testosterona (pré-t.) e um pós-testosterona (pós-t.), não devem interferir na identidade de gênero, uma vez que “Homens trans são homens!”. O verbo intransitivo “ser” nesse enunciado indica a não necessidade de completo, marcando também que a transgeneridade é uma particularidade.

Nessa pesquisa de doutoramento, como dito, tenho pensado o corpo, em consonância com Leandro-Ferreira, como lugar de subjetivação, objeto teórico e categoria analítica. No entanto, vale salientar que nos textos fundadores da Análise do Discurso, encontram-se pontuais referências sobre a noção de corpo. Uma delas é numa nota de rodapé, no Anexo III, como popularmente chamamos o texto de 1978, aqui no Brasil, onde Michel Pêcheux, fazendo referência à psicanálise como um campo do saber que foi pouco trabalhado em suas obras e que com a qual ele se propõe a retificar alguns pontos da sua teoria, aponta o lapso e o ato falho como falhas do ritual, uma quebra na ordem ideológica, apontando para uma origem não-detectável da resistência e da revolta. Nessa nota, Pêcheux cita uma narrativa autobiográfica de um operário de umas das indústrias Citröen, “Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo, no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada.” (LINHART, 1978 apud PÊCHEUX, 1978)

Em outra passagem, no texto de *O discurso*, ao pensar a ciência, a estrutura e a escolástica, Michel Pêcheux comenta:

De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento). (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 34)

Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, 2018.

---

Na obra citada, o autor discute a relação entre os universos logicamente estabilizados e os não logicamente estabilizados. O discurso está filiado, então, a um mundo não semanticamente normatizado, apesar do desejo e a necessidade de estabilização em algo “semanticamente normal”. Para o autor, a normatização começa na relação de cada pessoa com seu próprio corpo e com “seus arredores imediatos”. Porém, sujeito, sentidos escapam à univocidade uma vez que estes se constituem mutuamente. Com Pêcheux, chegamos a dois pontos a refletir. 1. A normatização em universos logicamente estabilizados inicia-se através do corpo. 2. A Resistência pode ocorrer através do corpo.

Então, há uma relação entre corpo, resistência e estabilização dos sentidos? O corpo trans, como tenho observado, além de ser o lugar material de subjetivação de sujeitos de identidades de gêneros dissidentes e produção de sentidos outros sobre corporeidades; escapando aos discursos hegemônicos, essencialistas sobre o que é ser homem, mulher, e para além disso, produz também resistência, revelando, assim, as falhas na interpelação ideológica, e produz “sentido no interior do não sentido” (ORLANDI, 2012), além de provocar incômodo em uma sociedade cisnormativa, como se observa na SDI abaixo:



## Imagem 2<sup>6</sup>

Utilizando-se do twitter para falar com seus seguidores, Ana Paula Henkel se põe na posição de porta-voz das jogadoras de vôlei, mas antecipa uma repercussão de algo que ela chama de patrulha injusta. No seu post, a ex-atleta põe a questão que há injustiça em colocar

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://twitter.com/AnaPaulaVolei/status/942734955464966144>. Acesso em 01/09/2018.

---

Tiffany junto com jogadoras cisgêneras em função de diferença anatômica, pois, para ela, o corpo de Tiffany foi construído pela testosterona durante toda a vida, o que a faria estar num nível superior às demais jogadoras. Portanto, sugere uma seleção feminina apenas para mulheres trans. Apelando para a questão anatômica, Ana Paula, além de pouco conhecimento em torno da relação transgeneridade e corpo, produz um discurso transfóbico. Esse tipo de discurso é uma prática discursiva que visa silenciar ou apagar a existência de pessoas trans, seja invalidando a identidade de gênero dessas pessoas, reforçando o cissexismo ou subjugando esses sujeitos.

Esse silenciamento sobre os corpos e sobre os sujeitos trans é o silenciamento que censura certos sentidos, impedindo-os de ecoar na história. Para Orlandi (2012), o silêncio tem diferentes formas de significar, ele não é vazio, mas produz significado. Ao analisar as formas de silenciamento, a autora apresenta duas maneiras pelas quais ele se materializa na linguagem. A primeira, chamada de silêncio fundador, é a condição necessária para a produção e movimentação dos sentidos, ou seja, a produção do discurso, dando as possibilidades de significação. A outra forma é a política do silêncio que consiste no fato de interditar sentidos, subdividindo-se em silêncio local, a interdição do dizer, calando a voz do sujeito, proibindo-o de dizer; e silêncio constitutivo, é maneira pela qual para não se dizer x, dizemos y. Ou seja, para que produzir alguns discursos, sentidos, enunciados, outros precisam ser silenciados.

Essas características do silêncio podem ser vistas nos discursos sobre a transgeneridade, pois há sentidos do/sobre os corpos que a população trans não podem/devem ser produzidos em determinada conjuntura, sendo censurados, silenciados, apagados, em função de uma cisnormatividade compulsória, onde a cisgeneridade é a norma e exclui as pessoas trans do direito à vida pública normal, como qualquer pessoa, independente da identidade de gênero.

No que diz respeito a Tiffany, uma vez que ela é reconhecida oficialmente<sup>7</sup> como uma mulher, teve o direito de jogar clubes femininos reconhecido pela Federação Internacional de vôlei e, além do uso de bloqueadores de testosterona, que fazem com que ela apresente esse hormônio em menor quantidade de que mulheres cisgêneras. Ela, como todas as outras jogadoras, precisa fazer exames hormonais regularmente, e estes atestam a equidade entre

---

<sup>7</sup> Vale salientar que, apesar do Estado ser quem legitima ainda hoje a transexualidade, a identidade de gênero é baseada na auto-identificação e não é algo fixo, categórico, há um movimento dos sujeitos na História. Cito, a fim de exemplificação, a cantora brasileira Liniker que, no começo da sua carreira, preferia estar longe dos “rótulos”, se apresentando como alguém de identidade não-binariedade, ou seja, não se identificada com a binariedade de gênero “homem” x “mulher”. No entanto, atualmente, ela se identifica como uma mulher trans. Essas duas identificações de gênero estão situadas na transgeneridade uma vez que não correspondem ao modelo cisgênero.



---

Tiffany e as outras jogadoras de vôlei dentro dos parâmetros internacionais para o esporte feminino. Dessa maneira, não há nenhuma injustiça em colocar uma jogadora trans e outras cis para disputar alguma modalidade esportiva<sup>8</sup>. Ademais, sabe-se que há um desgaste maior no metabolismo das jogadoras em processo de terapia hormonal em relação as que não a fazem.

Na discursividade em questão, sentidos sobre corpos e gêneros se opõe, há uma disputa de sentidos sobre o que é um corpo cis, o que é um corpo trans e o que pode esse corpo abjeto. O que pode um corpo trans é desestabilizar sentidos já-ditos presentes interdiscurso sobre o que é gênero, sobre como subjetividades outras produzem sentidos a partir de corpos que não são normatizados, pondo em equívoco o que é a cisnormatividade. O corpo pode, então, resistir, deslocar sentidos já esperados, questionar uma ordem. E, como lembra Pêcheux (2009 [1978]), resistir é preciso.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. (Tradução Renato Aguiar) 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. (tradução de Raquel Ramalhete). 42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 [1975].

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico**. [1966] Disponível em <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/06/15/o-corpo-utopico-michel-foucault/> acesso 09/10/2018

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade (tradução Marina Appenzeller) 6ª ed.- Campinas, SP: Papirus, 2013.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Discurso: conceito em movimento. IN: LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Oficinas de Análise do Discurso**: Conceitos em Movimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

MOSSI, C. P. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1541-1552, dez., 2015

---

<sup>8</sup> Nessa seara, vários discursos de militância foram divulgados em resposta aos discursos contra a participação de Tiffany Abreu em ligas femininas. Por exemplo, as matérias como <http://www.nlucon.com/2017/03/atletas-trans-levam-vantagens-em.html> e <http://midianinja.org/amaramoira/amara-moira-uma-selecao-feminina-so-com-trans/> com acessos em 10/04/2018.



---

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In. Olandi, E. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012, p. 213-234.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. (Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro) São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. (1982). Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. brasileira de José Horta Nunes. **Cad. Est. Ling.**, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.

\_\_\_\_\_. (1982). Ideologia – Aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

\_\_\_\_\_. (1983) **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. 7ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.